

Quando ser humano descobre a si mesmo



Paulo Genovese
Parques de Estudos e Reflexão Caucaia,
Centro de Estudos
Julho/2015

INTRODUÇÃO

Antecedentes na Pré-História

Com este trabalho procuramos começar a compreender o processo humano desde a perspectiva proposta por Silo¹ no Humanismo Universalista, ou seja, colocando o ser humano com intencionalidade como valor central.

Para que fizemos este trabalho? Para descobrir feitos e tendências que impulsionaram a evolução humana. Nosso interesse é continuar a impulsionar o processo evolutivo de forma consciente. Procuramos, também, resgatar raízes de desenvolvimento intencional da energia psicofísica nos primeiros humanos. Começamos pela origem do ser humano, até onde é possível identificar²

A fim de ambientar-se num sítio pré-histórico, buscando um registro pessoal direto, fizemos uma investigação de campo numa viagem ao Nordeste do Brasil. Fomos a um local conhecido como Parque Nacional Serra da Capivara, a maior concentração de sítios pré-históricos a céu aberto. São centenas de sítios em bom estado de conservação, com milhares de pinturas rupestres que podem ser visitadas caminhando pelos mesmos caminhos usados há milhares de anos³.

¹ Mario Luis Rodrigues Cobo, pensador, guia espiritual e autor de diversos livros, criou a corrente de pensamento chamada Novo Humanismo ou Humanismo Universalista, além de criar o Movimento Humanista e inspirar diversos organismos nos campos social, cultural, político e espiritual. Neste último, lançou também uma nova espiritualidade conhecida como A Mensagem de Silo. Seu trabalho tem um alcance planetário nos dias atuais.

² A identificação das diversas eras e dos diversos antecessores do atual homo sapiens fogem do alcance de nosso limitado estudo.

³ Estamos cientes da longa discussão sobre a antiguidade dos sítios que comprovadamente alcançam dezenas de milhares de anos. A palavra final terá que ser dada pelos especialistas. Felizmente, tal discussão, não impede o contato do cidadão atual com o registro gravado pelos antepassados.

PRÓLOGO

Este estudo começou anos atrás quando iniciamos a Oficina do Fogo. Uma série de atividades propostas como autoconhecimento por meio da manipulação criteriosa do fogo, desde sua conservação até a fundição de metais e vidro. São diversos aprendizados que o Ofício do fogo pode proporcionar. Sentimos humildade diante das enormes dificuldades que nossos antepassados tiveram que superar para alcançar as várias etapas da manipulação do fogo.

O Ofício revela a importância de desenvolver uma atitude adequada, uma atitude que não tem a ver com o trabalho em si, como se fosse a aplicação de uma receita, mas com o próprio operador, o aprendiz que inicia o Ofício. Não se consegue avançar nos trabalhos sem uma determinada atitude. "Há um tom que associa estados internos com operações externas"⁴. Bom tom, permanência e pulcritude, além do reconhecimento da necessidade do grupo, da relação amistosa com os outros, são requisitos mínimos necessários desenvolvidos na prática do Ofício do Fogo. São mais fáceis de descrever do que desenvolver verdadeiramente. Descobrimos que já no início do processo, na conservação do fogo, o ser humano pré-histórico precisou desenvolver uma inteligência muito superior à noção escolar desta etapa.

Nossa visão sobre os antecessores do ser humano moderno sofreu grande mudança e um profundo respeito e agradecimento surgiram daí⁵.

Continuamos nossos estudos, práticas e reflexões nos lugares que hoje são conhecidos como Parques de Estudos e Reflexão. Aprofundamos muito além dos Ofícios ao passarmos pelas Disciplinas no processo aberto no ano de 2010. Uma das propostas de continuidade do trabalho com as Disciplinas é a investigação de suas raízes. Historicamente, a Disciplina Energética "busca suas raízes no orfismo, dionisismo, shivaísmo e tantrismo"⁶. A energia psicofísica, que é matéria de trabalho da Disciplina Energética, é experimentada em qualquer ser humano pela sua concentração e difusão. Um dos momentos singulares em que a energia psicofísica se concentra e se difunde é no ato sexual. Não deveria surpreender que o ser humano pré-histórico tenha pintado nas paredes de rocha diversas formas de ato sexual.

⁴ citado de "As Quatro Disciplinas".

⁵ A conquista do fogo não recebe o espaço adequado no ensino da História. Sem esta etapa não teria sido possível desenvolver a linguagem, a religião, a cultura e tudo o que deriva disso. Da conservação até a produção do fogo o ser humano levou um milhão de anos.

⁶ Op. Cit

*Qualquer projeto coletivo ou individual sempre é
construído sobre o acúmulo de gerações anteriores.*

Quando ser humano descobre a si mesmo



A evolução humana é tão excepcional que não se fala em passos, mas em saltos extraordinários: a criação de ferramentas de pedra lascada e osso, o domínio do fogo, o cozimento da argila, são intensamente estudados e expostos nos museus em todo o mundo. Menos importância é dada à pintura rupestre e logo se passa aos rituais com mortos, à domesticação de plantas e animais, ao sedentarismo, a manipulação de metais e daí para as primeiras grandes agrupações humanas.

Cada salto coloca o ser humano em outra etapa, com novas possibilidades para continuar sua misteriosa intenção evolutiva. Em todo caso, é sempre um desafio superar as limitações impostas pelo seu próprio corpo e pelo meio a sua volta.

Aqui não discutiremos por que o ser humano evoluiu, o que faz com que siga em frente. Ao invés de buscar uma razão prévia ao ser humano, destacamos que há uma nítida tendência a avançar, uma intenção para superar as condições impostas pela natureza, seja em si mesmo (no próprio corpo) ou no meio à sua volta. Esta intenção tem um sentido que o acompanha desde seus primeiros passos: superar aquilo que causa dor física e sofrimento mental. Ao superar aquilo que o faz sofrer o ser humano experimenta a própria vida de outra maneira, coisa facilmente comprovável por qualquer um de nós, com maior ou menor intensidade e consciência.

Dado que esta verdadeira luta contra as condições que geram dor ou sofrimento⁷ começou no início da evolução e vai continuar existindo, nos parece da maior importância compreender como esta superação vem sendo feita desde épocas pré-históricas⁸.

O primeiro salto da evolução humana

A partir do momento em que nascemos estamos abertos ao mundo, observando atentamente e com todos os sentidos disponíveis o mundo que nos rodeia. Imitamos os que estão próximos, rejeitamos fortemente estímulos dolorosos, procuramos intensamente o que nos satisfaz e, desde cedo, também manipulamos objetos.

O uso de ferramentas para alcançar objetos além do que o corpo permite, também é percebido em diversos animais que estavam próximos aos primeiros humanos. No entanto, algo há no interior da espécie humana que faz com que os objetos sejam cada vez mais aperfeiçoados. Quase que não podemos mais reconhecer em muitos dos objetos atuais seus antecedentes nos primeiros galhos que alcançaram alimentos nas árvores ou embaixo da terra.

O uso da linguagem, também tem semelhanças rudimentares com outras espécies. Comunicação por gestos, sons ou expressão corporal são muito comuns para indicar situações vitais para se aproximar ou fugir.⁹

⁷ Entendemos a dor como física e o sofrimento como mental, e suas causas não são idênticas. Ver mais em “*Humanizar a Terra*”, Silo, *Paisagem Interna*, Cap. VII “Dor, Sofrimento e Sentido da Vida”.

⁸ Mesmo que os outros seres também evitem situações “dolorosas” contrárias ao seu desenvolvimento, a evolução de suas possibilidades de superação destas condições é acumulada no genético. No plano social/individual, pouco ou nada é transmitido de geração em geração. Ao contrário do imenso acúmulo histórico social do ser humano, definido por Silo de forma brilhante: “o ser humano é ser histórico social cujo modo de ação social transforma sua própria natureza” e o mundo ao seu redor. Ver mais em “*Cartas a Meus Amigos*”, Silo – Quarta Carta a Meus Amigos, capítulo “A abertura social e histórica do ser humano” e também em “*Humanizar a Terra*”, Silo, *A Paisagem Humana*, capítulo “O humano e o olhar externo”.

⁹ Coisa que até as abelhas demonstram no interessante estudo de Frisch sobre a comunicação das abelhas pelo deslocamento no espaço.

A primeira grande manifestação da intencionalidade humana se deu de uma forma oposta a todos os outros seres. Foi exatamente a aproximação ao fogo, primeiro para obtê-lo, depois na longa etapa da conservação para muito depois ser capaz de produzi-lo. Foi um ato revolucionário aproximar-se do fogo agindo de maneira oposta à fuga observada em todos os outros seres. Foi um ato de escolha entre uma situação natural, o chamado instinto de conservação que nos impele a fugir do fogo, e algo mais que nos impulsionava a nos aproximarmos até chegar a carregá-lo com as já conhecidas ferramentas de madeira. Não se trata de algo que merece mais atenção? Nenhum outro ser vivo é capaz disto até hoje, mesmo testemunhando este fato por um milhão de anos! As consequências desta conquista merecem muitas páginas¹⁰. Aqui nos interessa destacar a capacidade humana que se manifestou aí: diferir respostas, ou seja, escolher entre situações e dar uma resposta inovadora, muito além da capacidade de aperfeiçoamento por eventual imitação de outros seres. A intencionalidade humana se expressa como capacidade de dirigir-se a algo a partir da liberdade de escolher.

Com o domínio do fogo começa uma outra etapa. Os perigos de ataque de outros animais podem ser repelidos de forma mais eficaz, os melhores abrigos podem ser garantidos e é possível descansar sob o abrigo da fogueira enquanto o próximo passo evolutivo se aninha no interior deste imprevisível ser.

A revolução abre novas possibilidades

A revolução da conquista do Fogo lança o ser humano num plano diferente das outras espécies. De repente, seu estilo de vida muda radicalmente. Pode escolher onde permanecer, já que nenhum animal enfrenta o fogo. O fogo protege seu descanso que agora pode ser mais constante. O seu metabolismo, regulado por um período de sono com menos sobressalto, mais longo e profundo, muda sua vigília¹¹. Ao melhor descanso, melhora a qualidade da vigília. Dito de outro modo, sua energia dispersa na permanente defesa pode ser concentrada em sua mente que, por outro lado, se beneficiava com um sono que foi se regulando, que já não precisava ser superficial, agora não precisava despertar para defender-se rapidamente ante os diversos perigos da etapa anterior.

Assim, com mais energia disponível, nossos antecessores tiveram mais atenção em todas as suas atividades. Uma *mudança de tom interno* teve condições de acontecer enquanto eram executadas as operações externas: confecção de ferramentas, busca e preparo de alimentos, etc. Tudo que já era realizado na etapa anterior passou por uma atualização com a nova condição. O conhecimento foi sendo aprimorado.

No plano social talvez tenham acontecido as maiores mudanças. Se antes o silêncio era a garantia de não ser presa fácil, agora, ao redor da fogueira os sons saíam com liberdade. A linguagem pode ser construída. O conhecimento, movido por uma maior atenção de quem se dedicava a ele, ia se transformando. E os que nasciam nesta nova condição já iniciavam sua vida com outra disposição.

Estamos falando de uma lenta acumulação de conhecimento que, além do mais, tinha melhores condições de ser transmitido. Ao observar todas as etnias em qualquer parte do mundo, especialmente aqueles que tem pouco ou nenhum contato com a civilização atual, conclui-se que o ser humano sempre viveu em grupo. A vida humana nunca se desenvolve de forma isolada¹². Esta característica,

¹⁰ Ver material conhecido como "Charla de Pedra" de Silo, incluído no *Ofício do Fogo*, disponível para download em www.parquecaucaia.org.br

¹¹ Vigília é o estado de atenção quando não estamos dormindo nem entrando ou saindo do sono. Curiosa palavra para se referir à atenção, alude ao antiquíssimo ato de permanente atenção para aproveitar oportunidades e evitar os múltiplos perigos que rodeavam nossos antepassados.

¹² Mesmo nas sociedades mais individualistas, as pessoas utilizam em toda sua vida diversos objetos materiais e imateriais que não foram criados por elas, ainda que se padeça de uma mortificante solidão.

que faz parte da essência humana, que poderíamos chamar de sagrada, nos permite afirmar que a existência das agrupações tornou possível a criação da cultura.

A diferenciação já mesmo com outros primatas, na questão da construção do conhecimento, é que o ser humano privilegia o conhecimento coletivo e controla a transmissão de forma cuidadosa desse conhecimento para as novas gerações. O próprio desenvolvimento do indivíduo é antes a imitação para aprender o conhecimento coletivo (as formas de ser, de fazer, comportamentos, solução de problemas), isso corresponderia a toda fase pré-adulta. Somente na fase adulta há espaço para a criatividade individual (Anne-Marie Pessis¹³). Descrição facilmente aplicável às sociedades atuais.

Neste estudo pouco importa o momento exato em que as diversas culturas começaram a se formar na pré-história, tampouco o momento em que as palavras começaram a ser utilizadas numa linguagem oral. Quem toma como referência a palavra escrita está alcançando uma fração da história humana, não mais que 10 mil anos A.P.¹⁴ A escrita, que nem é tão comum em termos planetários, é fruto de elaboração de algo muito anterior. Esse algo anterior é muito mais frequente. Estamos nos referindo ao registro na pedra que atravessou os milênios e desafia a compreensão até hoje.

De modo geral, divide-se o registro pré-histórico em grafismos e figuras reconhecíveis. O uso de uma ou ambas as formas de registro, sejam na pedra ou na própria pele é utilizado por todas as sociedades humanas, todas as etnias e grupos em qualquer ponto do planeta. Não se dá a importância que merecem. São criações essencialmente humanas que, a partir do momento em que puderam ser realizadas, passaram a formar parte inseparável da existência humana em todas as latitudes. Não é algo que se aprende por imitação de outras espécies, como poderia ser, ainda que de modo rudimentar, o uso de objetos, pedra, madeira e ossos, ferramentas que ampliam as possibilidades do corpo.

Em termos evolutivos, a capacidade de registrar revela uma ampliação da mente humana, um indubitável acontecimento no interior do “operador” pré-histórico num sentido criador e transformador de sua própria paisagem interna. Por certo que o aperfeiçoamento das ferramentas e o uso criativo da mesma matéria que dispunham outras espécies (madeira, ossos e pedra), também reflete uma evolução no interior do operador que manejava a matéria de forma criativa.

Porém, no caso das ferramentas, a visão utilitarista, que restringe a motivação humana pela utilidade que os instrumentos tinham para garantir a sobrevivência, superando dificuldades, por exemplo, para se conseguir alimento, termina por nivelar o humano com os demais seres. A reação de surpresa diante da capacidade dos seres humanos pré-históricos em elaborar tais ferramentas ou instrumentos surge justamente desta nivelção, ocultando aquilo que pode definir o humano enquanto tal.

Algo muito diferente acontece quando se observam os registros chamados de pinturas rupestres, sejam grafismo ou figuras. A visão utilitarista encontra dificuldades insuperáveis e se apela para conclusões sem base. Por exemplo, afirmar que o ser humano registrava na pedra aquilo que não queria que fosse esquecido ou eventualmente distorcido pela transmissão oral, não nos diz nada sobre o registro do ato sexual, com suas variações de número e gênero, claramente identificáveis. Lançamos mão dos registros de atos sexuais apenas para ficar num exemplo de registro de algo que não se esquece. Que em algumas sociedades o exercício do sexo seja uma espécie de tabu, algo que para não ser totalmente negado é reduzido à utilidade de reprodução da espécie, este fato, quando confrontado com os diversos registros de atos sexuais visíveis a céu aberto, sem nenhuma dificuldade de identificação ou localização na parede de rocha, no mínimo nos diz que tal moralismo repressor é uma criação mais recente e nada tem a ver com a evolução anterior da espécie humana.

¹³ Em seu livro *Imagens da Pré-História*

¹⁴ Antes do presente, a medição com Carbono-14 no ano de 1950.

Voltando ao tema dos registros, para nós é evidente que cumprem uma função que vai além da sobrevivência material, do corpo ou do grupo. Algum desavisado pode acreditar que os registros de figuras se restringiam as caçadas então conclui, desde sua matriz cultural guerreira, que a função do registro era ensinar estratégias de caça. Este pensamento risivelmente limitado não enxerga que, ao lado de tais registros, seja qual tenham sido seus significados para o grupo, existem diversos registros de situações puramente lúdicas, onde não há presença nem de armas e nem da violência que estão enraizadas nas mentes até dos meios científicos mais prestigiosos¹⁵.

O estudo das pinturas rupestres consegue reconhecer suas temáticas. No entanto, tentar buscar um significado para as pinturas rupestres é entrar num beco sem saída. Seria o mesmo que estudar sinais de trânsito sem ter o manual que os codifica, que define seu significado na sociedade em que são utilizados. Pode-se tentar no máximo se aproximar do significado mas falta o contexto social e cultural. Evitaremos entrar nesta seara de pitorescas explanações, por mais esforçadas e criativas que sejam. Reconhecemos que ainda não se pode responder à pergunta que função tinham as pinturas para o grupo que as executava sem preencher a resposta lançando mão do conteúdo de culturas muito posteriores, na verdade, a cultura de quem explica.

Ao invés de buscar um significado para as pinturas, vamos procurar entrar na mente do Operador, descrevendo seus atos e processos mentais que já refletem um enorme avanço.

O fato é que o ser humano grava imagens na pedra. Antes de gravar uma imagem é preciso que esta seja concebida no interior do Operador (evitaremos a palavra artista que carrega significados culturais diversos). A partir de todos os dados captados, por exemplo, pelo sentido visual e pela memória, o Operador faz uma representação em seu próprio interior, descartando elementos e destacando outros. Há um papel ativo do Operador na seleção dos dados captados. Isto acontece o tempo todo, sem nos darmos conta que estamos indo além da percepção¹⁶. Estamos no campo da representação, ou seja, re-apresentando os dados da percepção com liberdade interna. Não existe o cavalo sem o chão, sem o céu e sem a paisagem que o rodeia. No entanto, grava-se somente o cavalo, ou parte dele, e ingenuamente se diz que é uma reprodução, uma cópia, reduzindo todo um processo mental à mera percepção visual de quem vê a imagem gravada. Maravilha-se com a perfeição dos detalhes da “cópia”, até chegar ao ridículo de tentar “escutar o que a caverna pintada tem a dizer”...

O ato de representar imagens é muito mais do que reproduzir o sentido visual. Se não fosse assim, toda a paisagem teria que ser gravada junto com as figuras. No entanto elas não estão acompanhadas por nuvens, nem montanhas, nem a própria caverna, nem insetos, unhas ou os detalhes da face – que já para um bebê são tão relevantes. Ainda que as figuras sejam feitas com riqueza de detalhes, o que inegavelmente comprova a destreza do operador.

A representação é justamente ir além da percepção, além do registro do sentido visual ou de qualquer outro sentido.

Olhar uma parede de rocha, nada mais inerte e imutável na paisagem, e ir além desta percepção, imaginando primeiro o que representar para, em seguida, executar a pintura. Isto demonstra que a atenção do Operador é capaz de dirigir o olhar para seu interior e concentrar-se o tempo necessário

¹⁵ Este preconceito “guerreiro” é uma manifestação da visão violenta que se tem do ser humano, especialmente o pré-histórico, que não pode falar por si. Gerações inteiras educadas com a ridícula visão de flechas e clavas sendo usadas para conseguir desde alimento até acasalamento. A divulgação do sítio Clóvis, nos EUA é um exemplo disto.

¹⁶ Tanto da percepção dos sentidos externos quanto da percepção que se tem dos dados de memória.

para a elaboração da imagem e execução da pintura. Este simples ato criativo é um salto evolutivo, uma chispa divina num ser que, em contato com seu interior, se liberta lentamente, mesmo vivendo sob o mais absoluto domínio da natureza.

É certo que algo similar acontece com a pedra que é lascada, ou com o galho e o osso que viram ferramentas. Porém, na pintura não estamos respondendo necessariamente à sobrevivência física como tantos outros animais que também lançam mão de instrumentos. A pintura vai mais além, respondendo a outras necessidades.

De tudo que poderia ser representado, o lascamento da pedra, o afiamento da madeira, a preparação da tão importante fogueira, pouco ou nada se encontra gravado na pedra. Talvez porque pertençam a uma classe de temas que terminam em si mesmos, em seu uso e nada mais. Por sua vez, a representação de animais e plantas, com mais ou menos esmero, permitiram que o operador avançasse no aprendizado do ofício, explorando sua capacidade de fixar a percepção, o tipo de tinta a utilizar, as melhores pontas e locais para gravar, os movimentos da mão ou do braço, etc. Tudo que responde a um nível onde a atenção não está ainda incluindo o operador e seu grupo e, em certo sentido, os aliena e os descarta¹⁷.

Mas o aprendizado não termina na conclusão da pintura. Para toda a ação que o ser humano executa há o registro da ação realizada. É, precisamente o registro da ação realizada que permite avançar no aprendizado, acumulando conhecimento, acumulando memória sobre o feito. Dito de outra forma, o ser humano capta os dados da paisagem natural que o rodeia e também capta os dados de suas próprias ações. E disto tudo vai fazendo representações que também vão sendo acumuladas na memória e transmitidas ao grupo e pelo grupo.

Estamos diante de um ser pré-histórico que, ao lançar seu olhar para seu próprio interior, vai encontrar um mundo cada vez maior de representações, uma verdadeira paisagem interna que está muitíssimo longe de ser uma mera cópia da paisagem a sua volta. E esta paisagem vai sendo construída a partir do que foi sendo transmitido socialmente e enriquecida com as próprias experiências do indivíduo. Aqui não há o domínio da natureza, imperativo na paisagem externa seja para o grupo ou para o indivíduo.

Conformou-se um espaço de representação¹⁸ no interior do sujeito e seu olhar pode deslocar-se neste espaço com maior liberdade conforme este mesmo espaço se amplia com novas representações (sejam do próprio indivíduo ou do grupo captadas por ele) além do registro destas novas representações.

De repente, *a atenção do Operador volta-se para si mesmo*. Olhando os outros a sua volta, começa a fixar a atenção no ser humano o tempo suficiente para representar as figuras humanas que logo irá gravar na pedra. Seu espaço de representação alcançou uma dimensão tal que consegue conceber o ser humano como um todo, conforme expressará nas pinturas que chegaram até nós.

No começo irá gravar imagens estáticas, figuras sem movimento, nitidamente humanas. Realizadas com tanta perfeição que milhares de anos depois são claramente reconhecíveis por aqueles que não tiveram absolutamente nenhum contato com a cultura do operador.

¹⁷ As mais antigas pinturas descobertas são de 32/31 mil anos atrás, na caverna Chauvet-Pont d'Arc, Ardèche (sul da atual França). As figuras reconhecíveis estão relacionadas com animais.

¹⁸ "Há um espaço (mental) no qual se posicionam os objetos que observo, ao qual posso chamar de espaço de percepção. Mas também há um (espaço) onde se posicionam os objetos de representação, que não coincide com o espaço de percepção" (por exemplo, observar a própria mão e imaginá-la. Ao imaginar a própria mão podemos mudar a forma, cor, etc., e, no primeiro caso, a percepção "se impõe"). O segundo espaço será chamado de espaço de representação, mais adiante no mesmo texto. Extraído de "Sobre o Enigma da Percepção", *Fala Silo, Silo*.

Num segundo momento, começará a gravar figuras humana em movimento, em dinâmica. São situações completas sintetizadas em uma única imagem. E já não se trata do ser humano isolado, é representado em grupo, brincando, correndo, dançando, caçando, realizando o ato sexual, interagindo de diversas formas. O que antes não ia além de uma foto passa a ser um vídeo “pausado”, exigindo que a atenção do Operador esteja concentrada por muito mais tempo para que mantenha o foco em toda a dinâmica da cena em seu interior, enquanto continua realizando a operação de descarte e destaque para representar em uma única imagem uma ação complexa. Imagem que recebemos como um presente inestimável ao ser gravada na pedra.

Como pode uma percepção, ou melhor dito, uma representação se destacar diante de tantas outras que são realizadas o tempo inteiro pela mente humana? Certas representações ficam gravadas “na carne”, porque estão associadas a outras sensações além do estímulo visual. Pode ser uma sensação emotiva, a satisfação, o júbilo, o contentamento, o medo, etc. Algumas imagens representadas, ao recordá-las, provocam certas emoções. Cargas emotivas associadas às imagens. Cargas que “não cabem em si”. O Operador procura expressá-las, de diversas maneiras, seja pelo riso, pela dança, pela música ou pela arte rupestre.

Nosso Operador todo dia observava o céu fixo no alto, conectado como estava com todos os seres vivos, sentia o chão sob seus pés. Tudo ia ficando na memória, alimentada pelas experiências diárias. Algumas experiências sobressaíam. Não eram as folhas que caíam, nem o céu fixo no alto ou a terra firme sob seus pés, mas a emoção de estar com outros. Observava seus gestos, sua dor, sua alegria, sua dança, seu prazer no sexo. Certas experiências marcaram nosso Operador, em seu mundo interno certas imagens das diversas experiências adquiriam mais carga, o registro das experiências vinha acompanhado de carga emotiva. E toda carga acumulada procura expressar-se. O acúmulo de cargas emotivos neste convívio intenso com os demais, levou nosso Operador a ter necessidade de colocar para fora o que tinha dentro. A emoção gravada no convívio com outros motorizou, por sua vez, a gravação de cenas na rocha. Que, mais uma vez, vivendo sempre em coletividade, ressoaram de alguma forma em todo o grupo, o registro gravado tornou-se parte de suas experiências comuns, isto é, de suas vidas.

O ser humano percebia os outros a sua volta. O que mudou foi quando representou, atentamente, os outros dentro de si mesmo, pelo tempo *suficiente e necessário* para guiar as mãos na tarefa de registrar na rocha. Um dia, ao lançar e lançar novamente o olhar para seu interior percebe a si mesmo. Descobre algo que não está diante de seus olhos, como os animais, o sol e as plantas, ao contrário, este algo está justamente “atrás” dos olhos. E que tampouco era como as imagens gravadas em sua memória, as quais, como já vimos, conseguia intencionalmente recuperar. Repetindo esta tarefa, num dado momento, pode perceber que via a si mesmo, descobrindo a si mesmo. Além do que percebia em seu mundo interno e, por sua vez, também separado do que percebia a sua volta. “Não era desde o olho para fora ou para dentro” e sim um ponto de vista que percebeu a si mesmo¹⁹.

É um momento fundamental na evolução de nossa espécie quando o ser humano toma consciência de si mesmo. Ao tomar consciência de si mesmo, de repente cai em conta que alcança toda uma paisagem interna que não é igual à paisagem externa que percebe com seus sentidos. Tal descoberta coloca em outro patamar a singular história da espécie humana²⁰.

¹⁹ Que muitas vezes é chamado confusamente de “eu”, porém vai além do eu cotidiano

²⁰ “Bem, então, o que define o ser humano enquanto tal? O que o define é a reflexão do histórico social como memória pessoal. Todo animal é sempre o primeiro animal, mas cada ser humano é seu meio histórico e social e, além disso, é sua contribuição para a transformação ou inércia deste meio”. E mais adiante: “A ampliação do horizonte temporal da consciência humana permite retardar-se frente aos estímulos e a seu posicionamento em

É uma revolução que acontece no interior da espécie e lança as bases para todo o desenvolvimento posterior. Cada vez mais em contato com si mesmo, vai transformar o mundo externo e irá modificando seu mundo interno, que definitivamente não é mera cópia do mundo exterior interiorizada.

Vivendo em coletividade, certamente a descoberta do si mesmo em cada um também levou, simultaneamente ou não, à descoberta de que os outros tem, por sua vez, seus próprios “si mesmos”. Inaugurando uma dimensão humana repleta de possibilidades, é o nascimento de um novo horizonte para os seres humanos, que continua sendo desbravado.

um espaço mental complexo, habilitado para a colocação de deliberações, comparações e resultantes **fora do campo perceptual imediato** (grifo nosso).” Extraído de “Acerca do Humano”, *Fala Silo*, Silo.

Bibliografia

- As Quatro Disciplinas. (autor desconhecido). Disponível em www.parquecaucaia.org.br.
- Ofício do Fogo, (recompiladores: Mariana Uzielli, Eduardo Gozalo e Karen Rohn). Centro de Estudos Parque Punta de Vacas, 4/04/2010.
- Humanizar a Terra, livro incluído em Obras Completas – Vol 1, Silo. Ed. Magenta, Buenos Aires, 1998.
- Cartas a Meus Amigos, livro incluído em Obras Completas – Vol 1, Silo. Ed. Magenta, Buenos Aires, 1998.
- Fala Silo, livro incluído em Obras Completas – Vol 1, Silo. Ed. Magenta, Buenos Aires, 1998.
- Contribuciones al Pensamiento, Silo. Ed. Planeta, Segunda Edición, Febrero 1991.
- Apuntes de Psicología, Silo. Ulrica Ediciones, Primera Edición. Agosto de 2006.
- Imagens da pré-história, Anne-Marie Pessis. edição trilingue. Parque Nacional Serra da Capivara.
- Por que almocei meu Pai, Lewis, Roy Harley. Ed. Cia das Letras, 1993.
- Pré-História do Brasil, Pedro Paulo Funari e Francisco Silva Noelli. Ed. Contexto, 2002.
- O Povo de Luzia, Walter A. Neves e Luis B. Piló. Ed. Globo. 2008.